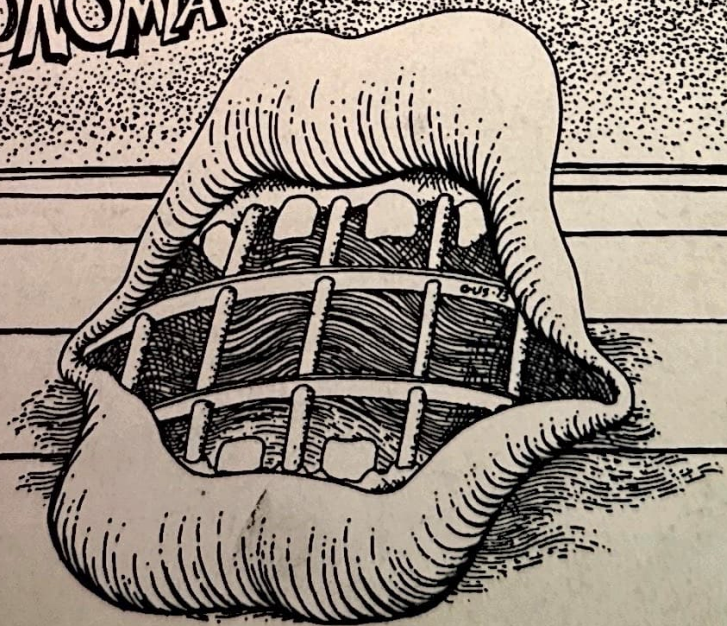


# PODI CAMPUS ABRIL - 1973

CENSURA E  
GASTRONOMIA





## COMUNICADO

O Grêmio Politécnico comunica a prisão do aluno Marcelo José Chueiri, do 5º ano Eletrotécnico, ocorrida no dia 4 de maio à porta de sua casa, quando chegava de carro, aproximadamente à meia-noite.

Foram tomadas várias providências como: comunicação ao Reitor da USP, comunicação ao diretor da Poli, contato com a família de Marcelo, contratação de um advogado, o qual já impetrou mandado de segurança para quebra da incomunicabilidade no Superior Tribunal Militar.

Ressaltamos, no entanto, que o fator preponderante com relação à libertação do colega é a atuação firme e decidida do conjunto dos alunos, na medida em que vemos as entidades representativas dos estudantes ameaçadas ante o grande número de prisões já ocorridas na USP, de diretores e alunos ligados ao trabalho dos Grêmios e Centros Acadêmicos.

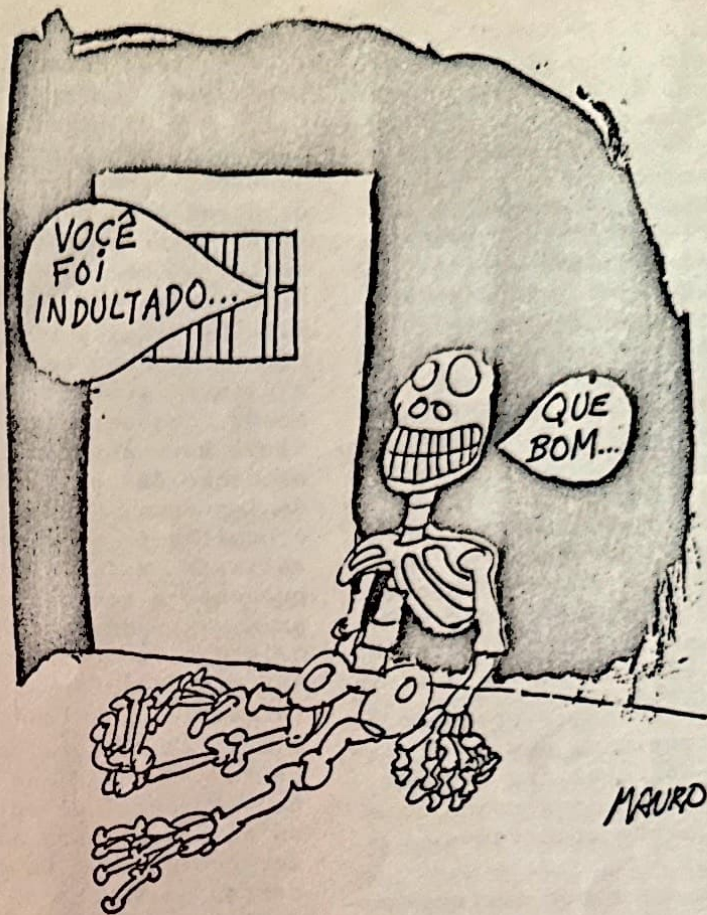
Além daqueles citados no Editorial, encontram-se presos os seguintes alunos da USP:

Luiz Antonio Bongiovanni - Geologia (presidente do CA)  
Rui de Goes Leite de Barros - Geologia (tesoureiro do CA)  
Nadia Villela - Ciências Sociais  
Cesar Augusto Castiglioni - Geografia  
Tania Rodrigues - Comunicações  
Roberto Cunha Azzi - Direito

Os alunos abaixo foram presos e já foram libertados:

Marina Galvão - Enfermagem  
Ieda Maria Areias - Geografia  
Carlos Geraldo - Geologia  
Maria Cecília de Aguiar - Geografia  
Geraldo Siqueira - Geografia  
Maria do Carmo - Geografia





# EDITORIAL

A USP tem sido vítima, desde o começo deste ano, de frequentes e clamorosos atentados contra a integridade física e moral e contra a liberdade dos universitários. Fatos como prisões injustas, desaparecimentos "misteriosos" de indivíduos, invasões de CAS, pela polícia e depredações de murais, tornaram-se tão corriqueiros que, atualmente, quando se fala em arbitrariedades desta natureza a pergunta que se ouve é: "Quantos foram desta vez?"

No mês de março, primeiro do período letivo, foram presos os seguintes colegas: Rosa, Concepcion e Katie (da História); Arlete (Sociologia e Política); Adriano e Alexandre (Geologia), tendo sido, este último, morto em circunstâncias bastante peculiares. Em fins de março e começo de abril foram presos nove colegas da Física, um da Filosofia, um da Economia e dois da Psicologia. E a coisa não para por aí: na

última semana de abril foram presos mais sete alunos da Geologia, um da Geografia e mais um da Psicologia.

Estão ainda detidos os colegas Adriano Diogo (Geologia), Alberto Alonso Lázaro (Geologia), Julio Cesar Arantes Perroni (Geologia) Mario Antonio Eufrazio (Geografia) e mais um colega da Psicologia.

Temendo que estes colegas tivessem o mesmo trágico fim de Alexandre os estudantes, através dos CAS, dirigiram-se à Reitoria da USP exigindo que esta tomasse as providências que lhe compete no sentido de localizar os universitários detidos. Os estudantes têm tomado esta medida em todos os casos de prisão de colegas dos quais têm notícia. A Reitoria, porém, nem sequer obteve, das autoridades policiais, a confirmação da prisão destes elementos ou a indicação de seu paradeiro.

Ora, todas estas prisões foram efetuadas de forma absurda, sem qualquer ordem judicial ou explicação por parte dos órgãos coatores. Muitas vezes os detidos são mantidos incomunicáveis por prazos que excedem mesmo os dilatados períodos previstos pela legislação deste nosso regime chamado De Exceção. Ou, o que é ainda pior, as autoridades em certos casos não assumem a responsabilidade da prisão, o que configura verdadeiros sequestros.

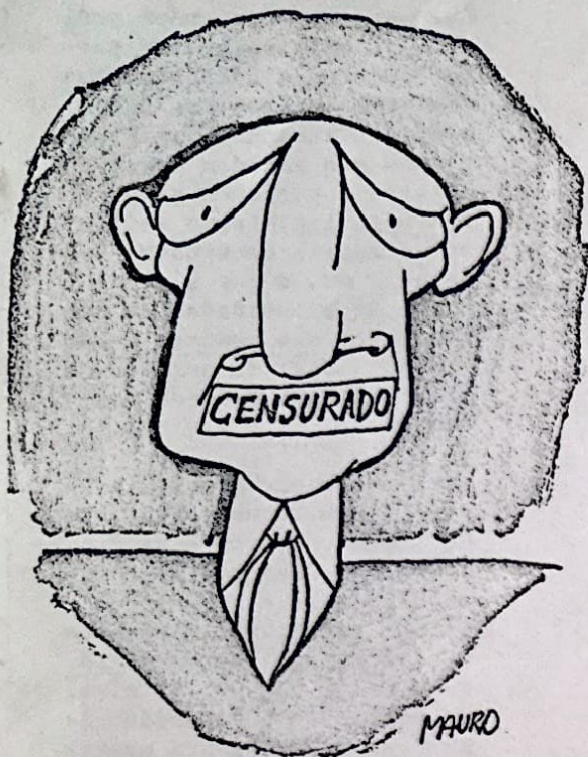
Tais fatos não ocorrem apenas no âmbito universitário. Em todos os setores da sociedade nota-se com frequência os desmandos e abusos dos órgãos policiais. As ações destes se manifestam de forma clara e aguda ao nível da repressão à Liberdade de Expressão: a censura prévia sistemática que vêm sofrendo os jornais "O Estado de São Paulo" e "Jornal da Tarde", a apreensão do semanário "Opinião", o embargo de musicais como os de Chico Buarque de Holanda e Elizete Cardoso (recentemente) e outros incidentes semelhantes são provas incontestáveis deste fato.

Diante desta situação, vários setores democráticos do povo brasileiro erguem seu protesto e lançam-se na luta pela defesa dos Direitos da Pessoa Humana. Recentemente a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB fez divulgar uma nota onde expressava sua preocupação com a situação político-social brasileira e exortava a população ao esforço de informação e denúncia das violações, e defesa dos Direitos Humanos.

A estas vozes une-se a dos Estudantes, confirmando sua tradição de luta pela defesa da Liberdade e pela construção da Democracia.



# CENSURA E GASTRONOMIA



O respeito pela liberdade de imprensa no nosso país parece ter sido atirado aos porcos à guisa de lavagem. O prato a ser servido aos leitores brasileiros perdeu seu conteúdo mas vem de roupa nova, como por exemplo: PNB, ao molho de Ame-o ou Deixe-o e Bolsa de Valores recheada de Exportações, tudo sob a supervisão de um cock-tail de Satélite Doméstico. Estes os ingredientes do saudável almoço à "Brasil Grande".

A "receita de desenvolvimento" adotada pelo governo brasileiro, composta de nomes suculentos mas sem o conteúdo social pretendido, aliada à Censura das informações sobre a real situação do povo, visa conferir ao país uma imagem de paz, segurança e prosperidade

necessária para estimular o apetite dos gananciosos investidores estrangeiros. Por isso, esta "receita", ao lado de outras menos pretensiosas, mas, talvez, mais eficientes, ocupa as primeiras páginas de quase todos os jornais.

Assim, em meio a esta profusão de projetos impactô, tortas de cereja, PIS, doce de mamão, guloseimas, transamazônica e salgadinhos, só raramente aparecem notícias sobre o real estado de coisas, os abusos praticados pelas autoridades e pelos gulosos do grande "Bolo do Desenvolvimento". Não se fala, não se comenta sobre a situação dos que iludidos pela miragem da transamazônica quiseram ir ajudar sua construção, nem o que ocorre na Amazônia Legal onde os peões são expulsos de sua terra pelas grandes companhias latifundiárias e os índios estão em processo de extermínio, nem a escalada policial nas cidades, cujas consequências mais de perto conhecemos.

É de se supor que seja mais útil ao desenvolvimento do país ensinar o povo a fazer suflê de mixirica, por que, estando ocupado com isso, não irá mexerica sobre coisas que não lhe dizem respeito.

## IMPRESA: OS MOTIVOS DA CULINARIA EDITORIAL

Por tudo isso, não é para ficarmos espantados ao saber que o relatório sobre Liberdade de Imprensa no Brasil, preparado pelo sr. Julio de Mesquita Neto para a reunião da Associação Interamericana de Imprensa - AII (Jamaica - abril de 1973), foi simplesmente vetado pela Censura. Ademais, não é a primeira vez que isto acontece. Ocorreu fato idêntico com o informe do sr. Julio de Mesquita Neto para a mesma assembleia no ano passado em Santiago do Chile. Palavras do sr. Mesquita no relatório deste ano: "A nossa reunião (a do Chile) serviu, entre outras coisas, para produzir uma confirmação indireta, mas oficial, do que dizia no meu informe

sobre a inexistência de liberdade de imprensa no Brasil. Por determinação expressa do Ministério da Justiça, a Censura proibiu os jornais de publicarem o texto do relatório que apresentei à Comissão de Liberdade de Imprensa da AII. O detalhe ilumina bem um panorama que não se alterou. A palavra sombrio continua sendo adequada para o definir". Mais abaixo fala da situação dos profissionais de imprensa: "É permanente, e humilhante para nós, jornalistas, a atmosfera de pressões e ameaças que oprime as redações dos jornais que não abdicam de sua missão informativa e formativa". Falando sobre a ação da Censura, acrescenta: "O cotidiano tornou-se fértil de episódios absurdos, para não dizer grotescos. Um censor cortou um trecho de uma declaração do Ministro das Relações Exteriores, outro vetou um discurso pronunciado no Senado pelo líder do governo naquela casa do Congresso; um terceiro não permitiu que se publicasse uma notícia sobre o último livro do superior dos jesuitas, pe. Arrupe. Ocorrem coisas inimagináveis. Durante meses, nenhum jornal pôde publicar o nome — por expressa determinação do Ministério da Justiça — do presidente do STF, ministro Aliomar Baleeiro, ora aposentado. No rol das proibições figurou durante largo tempo o debate sobre o abastecimento da carne, abrangendo as pessoas de ministros de Estado que tinham a respeito opiniões divergentes; outros assuntos vetados: aspectos da política econômica e da repressão e informações e comentários sobre a sucessão presidencial. Vários discursos pronunciados no Congresso por ocasião do cinquentenário da morte de Ruy Barbosa, o grande tribuno liberal brasileiro, foram também censurados".

"No dia 18 de janeiro(...) o censor de turno mutilou de tal maneira a edição que o "Estado" publicou



apenas uma nota medica em sua página de editoriais.

Aprofundando a análise, o relatório aborda outros aspectos da ação governamental sobre a imprensa: "No que diz respeito ao "Estado de São Paulo", disponho de elementos que me conferem autoridade para denunciar desta tribuna as inqualificáveis pressões exercidas por altas personalidades militares e civis — até governadores estaduais — sobre diretores das sucursais de "O Estado", simples redatores ou correspondentes, em algumas das principais cidades do país". O sr. Julio de Mesquita Neto ilustra estas afirmações com o seguintes relato:

"De todos esses episódios, o mais grave, pelos seus desdobramentos, ocorreu em Brasília e envolveu, inicialmente, o diretor da Capital do País da Sucursal de "O Estado", Carlos Chagas. Tudo começou em consequência de "O Estado" ter publicado, a 12 de dezembro de 1972, uma pequena notícia, proveniente de Brasília, sobre o sequestro e posterior espancamento de um médico. Como os pormenores seriam cansativos, eu me limitarei a informar à Comissão de Liberdade

de Imprensa que o jornalista Carlos Chagas foi indiciado num inquérito policial-militar com base no artigo 16 da Lei de Segurança Nacional, sob a alegação de que lhe cabe a responsabilidade pela divulgação da referida notícia que poderia "indispor ou tentar indispor o povo contra as autoridades constituídas".

A pena prevista pelo artigo 16 é de seis meses a dois anos de prisão. O mesmo artigo esclarece, entre tanto, que para que o crime se configure a notícia terá de ser "falsa, tendenciosa" ou o fato "truncado, deturpado", se for verdadeiro. Sem comentar a lei — sobre a qual a AII conhece a minha opinião — cumpro-me salientando que até

hoje, decorridos quatro meses, ninguém demonstrou a falsidade da notícia publicada no "Estado" e menos ainda a existência de má fé da nossa parte.

O jornalista Carlos Chagas, em seus vários depoimentos, deixou bem claro que a responsabilidade pela divulgação não lhe poderia ser atribuída, pois sua função é a de coordenar o material jornalístico produzido em Brasília, orientá-lo e determinar a sua transmissão a São Paulo. Essa evidência não impediu que o IPM fosse levado adiante com todos os prejuízos que isso representa para Carlos Chagas.

Era, porém, apenas um começo. Principiavam pelo diretor da Sucursal para atingir a direção do jornal. Conforme German Ornes informou na reunião do Panamá, fui intimado a comparecer no dia 12 de janeiro na sede da 2a. Região Militar, em São Paulo, para depor em inquérito Policial Militar instaurado pelo Comando Militar do Planalto, em Brasília. Fui interrogado por um coronel e dois majores que me fizeram numerosas perguntas sobre o funcionamento do "Estado", o fluxo das informações e a responsabilidade de cada departamento ou seção. O que estava em causa, concretamente, era a responsabilidade pela divulgação da notícia de 12 de dezembro. Respondi que em situações normais sou responsável, como diretor de "O Estado", por toda matéria informativa e editorial por ele publicada. Ficou claro que o Diretor da Sucursal de Brasília, ou qualquer outro membro do corpo redatorial, em hipótese alguma poderia ser responsabilizado pela divulgação de matéria publicada. Mas sublinhei também, enfaticamente, que na situação existente desde agosto de 1972 — isto é, a partir da instauração da censura prévia — o primeiro responsável por tudo o que o "Estado" publica é o ministro da Justiça, prof.

Alfredo Buzaid. Como os censores recebem instruções diretas da Polícia Federal, que se acha subordinada ao ministério da Justiça, a responsabilidade pela divulgação da discutida notícia de 12 de dezembro, aprovada por esses mesmos censores, cabia, dentro da lógica e da lei, ao prof. Alfredo Buzaid."



Concluindo, o informe elucidado: "Na realidade, o problema que enfrentamos transcende as leis liberticidas, as arbitrariedades, as ameaças, adversidade de critérios, o humor dos censores. Mesmo quando notícias ou editoriais são publicados com o visto da Censura, todos nós, jornalistas, do repórter ao diretor, estamos sempre expostos a ser processados sob as acusações mais fantásticas". (...) "As perspectivas não são animadoras. E não cremos que a situação se modifique nos próximos meses. A institucionalização do controle da imprensa é uma realidade e nada indica que os mecanismos de censura prévia sejam alterados. Os jornalistas que no Brasil se batem pela liberdade de imprensa estão, preparados espiritualmente para continuar enfrentando arbitrariedades, ameaças e pressões de toda sorte".

Esta a dura realidade oculta pelos doces e receitas de bolos das páginas de Editoriais.



# I.T.T.

## Chile

Nossa história começa relacionando duas eleições no continente americano: uma no Chile em 70 e outra nos Estados Unidos em 72. Parece um disparate relacionar a pompa e o aparato das eleições norte-americanas com as inexpressivas eleições chilenas, num campo mais amplo do cenário da política internacional. Seria talvez como relacionar as recepções de Maomé Pompadour com uma festa caipira. Mas, no que tudo indica, o Senado norte-americano parece estar profundamente interessado em relacionar os dois acontecimentos.

O elo de ligação entre fatos tão discordantes, parece ser a ITT (International Telephone and Telegraph), uma pequena companhia norte-americana, que devido ao arrojo de sua cúpula administrativa chegou a tornar-se o 7º grupo econômico norte-americano, com uma receita superior a muitos países do 3º Mundo.

Seus interesses no Chile são de grande monta, e vão desde a Companhia Telefônica chilena até hotéis, cente inúmeras propriedades. Por isso preocupou-se quando da candidatura de Salvador Allende a presidente, o qual em sua campanha eleitoral prometia a desapropriação ou nacionalização de empresas de interesses estrangeiros atuando no Chile.

Ciente da provável vitória de Allende a ITT passou a executar uma campanha de difamação política e promessas de caos no caso de uma vitória do partido de cunho socialista. Segundo foi revelado pelas atuais investigações do Senado Americano através de contatos com agentes da CIA os diretores da ITT chegaram a oferecer um milhão de dólares aos agentes, contanto que colaborassem no movimento.

É largamente conhecida a capacidade de infiltração de elementos da CIA (Agência Central de Inteligência) em questões sociais regionais, particularmente questões políticas, e não deixam de ser reconhecidos os resultados práticos de tais infiltrações. Daí



pode-se depreender o que seriam as eleições chilenas, e do rumo que tomariam as tendências eleitorais da população, caso a CIA se envolvesse na campanha difamatória de oposição à candidatura de Allende. Os planos da ITT ainda incluíam os militares, com quem manteriam contato, e através de cortes de suprimentos americanos esperava irritar os militares chilenos, a fim de voltá-los contra Allende.

A ITT procurou pressionar órgãos de segurança norte-americanos a fim de salvaguardar seus interesses no Chile. Além desses planos, pretendia pressionar o governo chileno através do embargo de seu comércio externo, por corte de crédito nos bancos americanos, europeus e japoneses, e suspensão de compras norte-americanas no Chile. Todos esses fatos foram revelados pelas investigações que o Senado norte-americano faz atualmente.

ressalta dos fatos a lamentável e incômoda realidade que mostra a facilidade das intervenções nas infra-estruturas governamentais em países sub-desenvolvidos, por parte dos grandes monopó

lios internacionais, nesse caso norte-americano. Farece-nos, à primeira vista, inaceitável o fato de que uma empresa comercial estrangeira possa influir diretamente nos problemas sucessórios (problemas internos) de uma nação sul-americana.

Mais inaceitável ainda se nos apresenta o fato de que essas intervenções por parte das empresas estrangeiras visam não somente a preservação de seus próprios interesses econômicos, desligando-se totalmente das aspirações políticas do povo e da livre escolha do regime político no contexto de uma nação. O exemplo da Guatemala ilustra bem isso, onde houve intervenção norte-americana, em defesa dos interesses da United Fruit, e subsequente deposição do presidente da Guatemala.

Farece-nos até aí que a ITT parece interessada apenas no andamento das eleições chilenas. Mas ainda através do Senado norte-americano descobriu-se uma estranha relação entre a ITT e a recente reeleição de Nixon. Estando a ITT interessada na incorporação da Hartford Fire Insurance, encontrou barreiras como a legislação antitruste que protege as pequenas empresas nos seus direitos de livre-concorrência. Mas através de Spiro Agnew, vice-presidente norte-americano, a ITT conseguiu entrar em contato com responsáveis pela legislação conseguindo, logo após, realizar a transação. Então, a ITT "por livre e espontânea vontade e por pura vontade ideológica" passou a apoiar a reeleição de Nixon, com uma polpuda quantia de 400 mil dólares. A ITT passou a alvo das investigações do Senado talvez não tanto pelas intervenções na questão chilena, mais pelo envolvimento em assuntos políticos internos. Isso,

Visto que não há antecedentes históricos que provem atitudes de defesa de interesses latino-americanos por parte de qualquer grupo político norte-americano.



# PASSARINHO, CULTURA E LIBERDADE

O Estado de S. Paulo, num artigo de 27 de março p.p. publicou declarações do ministro da Educação e Cultura, coronel Jarbas Passarinho, sobre a cultura nacional. Disse êle que "se nós fôssemos um governo fascista, exigiríamos que todos os livros, o teatro, o cinema, as manifestações de arte em geral, fossem produzidos segundo a nossa orientação. Na música, por exemplo, poderíamos fazer valer apenas Wagner, como na Alemanha de Hitler. Mas nós damos liberdade de criação total".

À essa declaração juntou o Sr. Ministro uma pequena ressalva: "Só não queremos que ataquem nossas crenças. E quais são elas? Os postulados democráticos. É só o que o governo se propõe a exigir do povo, que acredita em postulados democráticos".

Acreditemos, por hipótese, que nada em termos de cultura se produza segundo orientação direta dos governantes. Mas o povo, invocado por todos, "que acredita em postulados democráticos", guardião das liberdades do país, só tem acesso às manifestações culturais que previamente passaram pela fina peneira da censura. No exemplo tupinambá não se sabe o que se faz valer em termos de música, mas o certo é que quase uma centena delas não sai da gaveta dos censores. De que adianta essa fabulosa liberdade de criação total se a liberdade que temos de entrar em contato com a cultura não é tão total assim? Com toda essa "liberdade de criação" total" cerca de 50% dos livros editados no país são traduções, mais de 50% das músicas lançadas

são estrangeiras (sem contar as versões) e o nosso cinema é uma das atividades que apresenta menor índice de nacionalização (10%).

Como uma nuvem negra a tapar o sol, o AI-5 e a censura não permitem que algo significativo se faça em prol da cultura. A censura prévia, os alvarás, o recolhimento de periódicos, entre outras façanhas, estão estrangulando a cada dia que se vai, a já tão estrangulada cultura. O nosso produto interno cultural cai assustadoramente enquanto o produto interno bruto atinge recordes de aumento. Atualmente o que se vê é uma grande ausência de novos movimentos culturais, como foi a Bossa Nova na música ou o Grupo de Arena no Teatro. A visão atual é um tanto quanto tristonha: a quantidade suplantando a qualidade, a evasão dos nossos melhores cérebros (somente em 71 foram 63), o exodo de artistas, os expurgos nas universidades, a queda de venda dos jornais, livros e revistas e a mediocridade da televisão. São palavras do Sr. Ministro: "Não aceito a cultura pré-moldada, porque sem liberdade de criação não há cultura. Mas isto não quer dizer que vou subvencionar os que produzem propaganda contrária ao regime que eu creio".

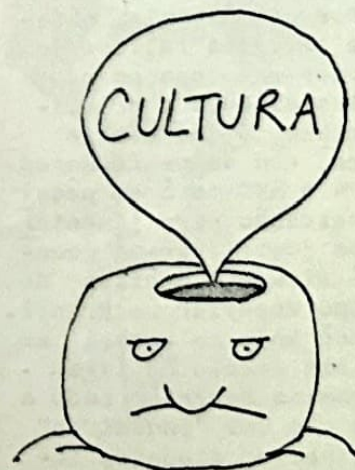
Ora, isso é uma grande contradição, Sr. Ministro! Temos que ter controvérsia e polêmica na cultura, a possibilidade de todos gostarem do amarelo não existe. Se todos produzirem propaganda favorável ao regime em que o Sr. crê, ou

se não produzirem nada, nem contra nem a favor, com relação ao regime, fatalmente cairemos na situação de cultura pré-moldada, pois as manifestações culturais terão uma direção definida ou uma direção vedada, o que vai de encontro à hipótese de "liberdade de criação total".

Considera o Sr. Ministro que "é preciso chegar-se a uma cultura que não seja alienante no sentido de não ser dissociada da realidade brasileira. Não se pode chegar a uma cultura irrealista para as chamadas elites; devemos fazer com que a cultura atinja o todo nacional".

Para chegarmos a uma cultura que não seja alienante nem dissociada da realidade nacional é necessário conhecermos a realidade nacional tal como ela é; de nada adianta o Estado oficializar e amparar a cultura por meio dos institutos (INL, INC, Comissões de Teatro, Embrafilme, etc.) se não impede o estreitamento cada vez mais rigoroso da censura.

Talvez a névoa se desfaça e deixe um horizonte bem delineado, acessível às nossas vistas.



MAURO



# LUCRO FÁCIL

## NEGOCIOS E OPORTUNIDADES

### Faculdade

Vende-se com prédio próprio, bem equipada, localizada no centro. Mantém ensino de 1.º e 2.º grau. Tratar pessoalmente com Dr. João, horário 20,00 às 22,00 hrs. R. Camerino n.º 32 — São Paulo.

O ex-ministro da Educação Moniz de Aragão em recente conferência realizada no Rio criticou a atual "explosão" de escolas superiores com a consequente queda vertiginosa da qualidade do ensino.

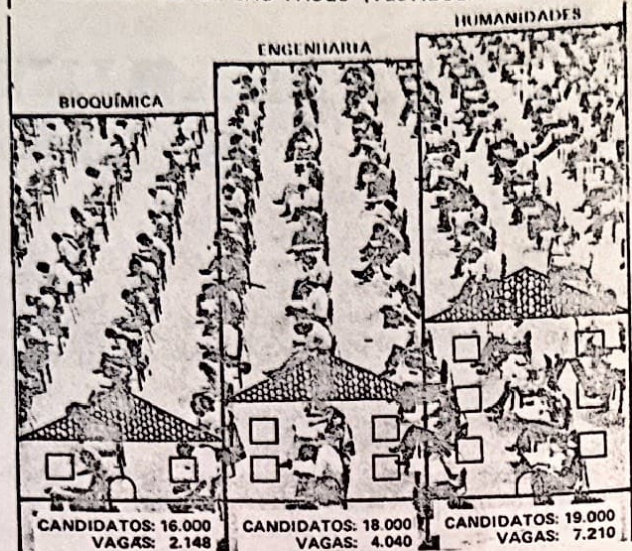
Poucos dias antes o Diretor do Departamento de Assuntos Internacionais do MEC, Newton Sucupira, já havia dito que o Ministério da Educação era impotente para controlar e fiscalizar a qualidade do ensino ministrado. Esqueceu-se o prof. Sucupira que o caos que existe atualmente é fruto de uma política de aprovação indiscriminada de faculdades realizada pelo Conselho Federal de Educação, vinculado ao MEC.

Durante esses últimos anos e inclusive em 1973 o CFE apressou-se em aprovar centenas de faculdades em fundos de quintais, sítios e colégios falidos sem a menor preocupação com as instalações e principalmente, o que é mais grave, com os professores. Agora o MEC está em péssima situação para lamentar-se ou justificar-se quanto à situação caótica do ensino superior no Brasil. Existe hoje no Brasil um deficit imenso de vagas no ensino superior lado a lado com uma "indústria" marginal de supostas faculdades aproveitando a situação com fins unicamente lucrativos.

Esse deficit é comprovado pelo número de candidatos que tentam entrar nas melhores escolas. Segundo a revista VISÃO de 26/3/73 houve em São Paulo no Vestibular de 1973 a seguinte situação: Área de Biomédicas - 16.000 candidatos para 2.148 vagas; Engenharia 18.000 candidatos para 4.040 vagas; Área de Humanidades 19.000 candidatos para 7.210 vagas.

Isso também contrasta com as dificuldades que atravessam as Universidades Públicas, que mal permitem manter as vagas existentes, raramente permitindo um aumento de vagas. A Faculdade de Farmácia da Universidade Federal da Bahia funciona há vinte anos em um velho edifício "em vésperas de desabamento", cuja maior sala comporta 40 alunos e cujos laboratórios funcionam em um ex-galinheiro (VEJA de 4/4/73). Mais perto de nós temos outros exemplos: a verba da USP cortada pela metade, a verba da Poli de 72 mantida a mesma para 73 (portanto diminuiu - 20% de inflação). É certo que as vagas, para bem ou mal, estão aumentando bastante no Brasil. Isso permite que o min. Passarinho se autopromova. A "grande imprensa", é claro, teve uma bela manchete: "Vagas aumentam 500% em 3 anos" diz Passarinho.

### EXCEDENTES EM SÃO PAULO (VESTIBULARES 1973)



O Ministério da Educação se diz impotente, o que é verdade, na situação atual, visto que o MEC recebe apenas 6,5% do Orçamento Federal. A única forma de melhorar o ensino é investir nas Universidades Públicas e nas Particulares que já possuem instalações e professores adequados, evitando assim que elas tenham que cobrar anuidades muito altas de seus alunos. Além disso, proibir, através do CFE a instalação de faculdades que visam unicamente o lucro ou a vaidade pessoal de certos deputados e prefeitos.

Depois dos fundos de investimento, ações, geladeiras, TV a Cores, carros e outros cacarecos, agora se vendem Faculdades. Além da orientação mercantilista que orienta filosoficamente a educação no Brasil, o ensino em si, também se tornou uma mercadoria. Com a decadência do ensino médio particular vários dos antigos colégios estão se transformando em Faculdades, principalmente de Pedagogia, Filosofia, Letras e Direito que necessitam apenas lousa e giz:

o lucro é fácil.



# COMPORTAMENTO GERAL

Luiz Gonzaga Jr., resolutamente, decidiu e foi. Sim, porque atualmente os artistas conscientes devem ter estomago forte para comparecer a certos programas na televisão brasileira. E era o programa do Flavio Cavalcanti. Sua musica ia ser apresentada aos maiores criticos da musica nunca dantes aparecidos. Pegou o violão e largou:

## COMPORTAMENTO GERAL

Você deve notar que Não tem mais tutu e dizer que não está preocupado.

Você deve lutar pela chepa da feira e dizer que está recompensado.

Você deve estampar sempre um ar de alegria e dizer que tudo tem melhorado

Você deve rezar pelo bem do patrão e esquecer que está desempregado

Você merece, você merece)  
Tudo vai bem, tudo legal)  
Cerveja, samba e amanhã,) B  
seu Ze ) I  
Se acabarem com seu ) S  
carnaval )

Você deve aprender a baixar a cabeça e dizer sempre "muito obrigado"

São palavras que ainda te deixam dizer por ser homem bem disciplinado

Deve, pois, só fazer pelo bem da Nação tudo aquilo que for ordenado

Prá ganhar um fuscão no Juizo final e diploma de bem comportado

Você merece, você merece)  
Tudo vai bem, tudo legal)  
Cerveja, samba e amanhã,) B  
seu Ze ) I  
Se acabarem com seu ) S  
carnaval )

A reação do juri foi a mais convencional possível: desconcertados, tentaram fazê-lo ver os nossos índices de desenvolvimento, a plena ascensão economica e o bem-estar geral. Desconhecem os nossos amiguinhos, ou são com certeza fantoches de uma estrutura, que cores e lantejoulas só poucos, e a televisão faz questão de mostrar, tem o privilégio de possuir; quando uma boa parcela da população nem tem aparelhos para transmitir sua miséria.

Logo em seguida ao programa, veiculou-se que a musica de Gonzaguinha tinha sido proibida em todo território nacional, o que não é verdade (talvez a censura não tenha percebido o tom satírico); o que obrigou o compositor a perigrinar pelas emissoras de rádio desmentindo o boato; já que o instinto de auto censura das emissoras tinha levado a que diversas delas não tocassem mais o disco.

Porém, pasmem; o disco está por aí e é bom.









É qual é a nossa realidade? Infelizmente, embora provando, o clima estudantil é de apatia. A gente vê grande parte dos politécnicos fechados num individualismo que não os deixa perceber a importância de um cooperativismo. Por outro lado se encontra uma entidade representativa, o Grémio Politécnico, com propostas de modificar esse estado de coisas, mas que carece de material humano.

Viu também a comissão, a importância de iniciar o trabalho com os futuros bichos já nos cursinhos - o que foi feito com a entrega de um boletim, o qual surtiu um bom efeito. Como era final de ano, a comissão já reconhecia a sua primeira falha: o processo de discussão ter se restringido somente a uma parcela da escola - o 1º ano.

Porém se continuou o trabalho com a elaboração do caderno do bicho. Distribuído na matrícula, ele convidava os calouros a comparecerem num bate-papo na CADOP (Casa do Politécnico). Esse bate-papo contou com a presença de mais de 300 bichos.

Numa tentativa diferente de aproximação, um grupo de cerca de 20 elementos fizeram um curso de monitoria em dinâmica de grupo, e tiveram uma primeira reunião na 4ª. feira de cinzas com quase metade dos calouros.

O resultado foi bom e o bicharal até tirou em assembleia, comparecer todos juntos ao primeiro dia de trote. E foi o que aconteceu. Porém, como não havia uma proposta concreta, formou-se um clima de tensão que culminou com os bichos permitindo o corte de cabelo, embora de uma maneira que ridicularizava os que pretendiam o corte.

Na sexta-feira, com poucos alunos na escola, realizou-se uma mini-gincana que teve a participação de 50 bichos. A brincadeira mostrou empenho dos participantes e terminou com uma Pingada, a qual fazia parte das tarefas.

Segunda-feira, real início das aulas, a comissão programara a peça "Arona re-Conta Zumbi" ao meio-dia. Desde cedo até essa hora, se verificou o maior desreque por parte de certos veteranos informados com "falta de trote" no conceito que eles o fazem. Salas invadidas, cabelos cortados, banhos no lago e até coisas repugnantes, como o-

brigar dois bichos a se beijarem - tudo o que o trote individual e caótico dá condições de acontecer.

Resultado: meia dúzia de bichos assistiram a peça, que era endereçada aos calouros. De quem a culpa? Deles? Em parte não; qual quer pessoa nas mesmas condições, teria ido embora para se livrar daquelas atrocidades. Dos veteranos? Talvez, porém eles simplesmente repetiam um ato tradicional e normal, no seu ponto de vista. Da Comissão de Trote? Quase que sim, não tinha propostas a oferecer.

As atividades que se seguiram: filmes, olimpíada esportiva, GTP, palestras, etc. - contaram com pouca participação dos bichos, à exceção do Miss-Bicho que foi acompanhado de chupada. Mas mesmo assim não contou com a presença da maioria: que assistiu às aulas ou foi embora.

A falta de participação não só se restringiu às atividades culturais, mas também aos departamentos do grémio - onde pouca renovação viram nos seus quadros.

Num outro aspecto ainda, vê-se que está retardatário o processo de organização de classes, que como a exemplo do Conselho de Representantes nos anos anteriores, foi um instrumento razoável de resolver os problemas de cada classe.

Eis aí, sucinto, o levantamento dos principais aspectos da Comissão de Trote-72, que morreu com um trabalho em andamento. E morreu nem tanto pelas propostas difíceis, mas pelo desinteresse individual de cada integrante. Mesmo se considerando os problemas pessoais, faltou certa responsabilidade de pelo trabalho e pelo grupo, que se viu esfacelado em meia dúzia e não pôde subsistir. Faltou certo conhecimento da realidade política. Faltaram propostas. E mais que tudo faltou gente.

O saldo não foi de todo negativo. Conseguiu-se certos trunfos e principalmente se aprendeu. Pela nas falhas também se evoluiu. E a experiência será transmitida e reelaborada. Os vazios a tuais vão se tentar preencher-los. O trabalho tem de continuar, de outras formas, mas continua.

# ROTEIRO CULTURAL

FRANK MUSICAL BANK  
apresenta a comédia



FRANK V

TEATRO SÃO PEDRO

GUILHERME ARAUJO  
apresenta



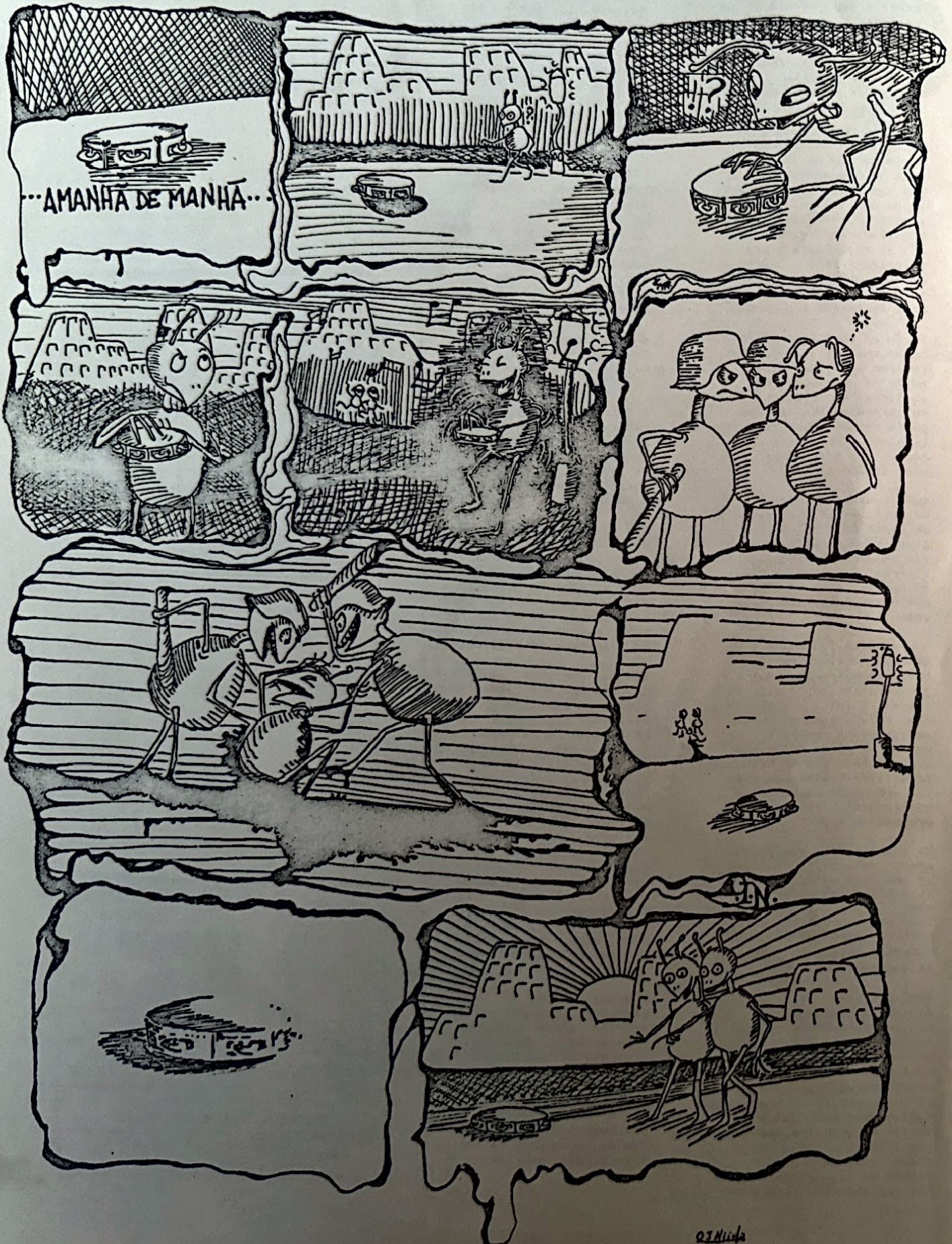
GILBERTO  
GIL

Tull Moreno ... Bateria  
Rubão Sabino ... Baixo  
Chico Azevedo ... Percussão  
Aloysio Milanês ... Piano e Orgão

(Não deixe de ver o novo trabalho de Gil)  
TEATRO DAS NAÇÕES AV. S. JOÃO, 1737  
ingressos a venda na bilheteria TEL.: 220-8012

ESTREIA DIA 4 DE MAIO  
Diariamente às 21 horas. Sábado às 21 horas e meia noite.  
Domingo às 17 e 21 horas.  
CURTA TEMPORADA: SOMENTE ATÉ 30 DE MAIO  
Preços: Cr\$ 25,00 e Cr\$ 15,00.









COM O OBJETIVO DE INFORMAR SOBRE AS DIVERSAS ATIVIDADES NOS VÁRIOS DEPARTAMENTOS DA POLI E VISANDO TAMBÉM DAR UM POUCO MAIS DE BASE AOS ALUNOS DO 1º ANO PARA A OPÇÃO DO CURSO, INICIAMOS UMA SÉRIE DE ENTREVISTAS COM OS CHEFES DE DEPARTAMENTO.

ENTREVISTA COM O PROFESSOR LUIS DE QUEIRÓS ORSINI, CHEFE DO DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA DE ELETRICIDADE.

(1) POLI CAMPUS  
O Sr. acha suficiente o número de vagas para engenheiros elétricos na Poli?

ORSINI  
Com a expansão do sistema de ensino do país o número de vagas nunca é suficiente; ele vai sempre ser menor do que as necessidades locais. O problema nosso não é o de dar vagas suficientes, mas sim o de dar vagas possíveis dentro de um padrão razoável de ensino.

(2) POLI CAMPUS  
O que o Sr. acha de um sistema no qual o número de vagas por Departamento fosse variável, de acordo com a demanda?

ORSINI  
Dentro da atual estrutura, impossível. Eu não posso admitir ou demitir funcionários como faz uma indústria.

(3) POLI CAMPUS  
Qual é o número de vagas, atualmente, no Depto. de Eletricidade?

ORSINI  
60 Eletrônicos e 60 eletrotécnicos. Aqui, uma nota importante: o mercado de trabalho dos engenheiros eletrotécnicos é maior e dizem que é mais bem remunerado.

(4) POLI CAMPUS  
Sabe-se que o Depto. de Eletricidade realiza programas de pesquisa. Quais? Quem fornece as verbas?

ORSINI  
Há pesquisas sobre muitos campos da eletricidade. Por exemplo: eletrônica, computação, sistemas de instrumentos de comunicação e de instrumentação, pesquisas teóricas sobre sistemas, problemas sobre engenharia elétrica de potência.

No momento as verbas maiores são do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, destinadas a intensificar pesquisas tecnológicas, com interesse de criar indústrias nacionais.

(5) POLI CAMPUS  
Como essas pesquisas vão para as indústrias?

ORSINI  
Um dos primeiros casos, talvez no Brasil, em que se instituiu mecanismos para isso, foi no Depto. de Enga. de Eletricidade.

Foi criada uma firma de semicondutores para absorver a tecnologia que já está em parte, aqui desenvolvida. Essa firma foi criada com o beneplácito dos órgãos financeiros governamentais, no fim de 72. Deve entrar em produção no decorrer deste ano.

(6) POLI CAMPUS  
Da verba fornecida para a unidade Poli, alguma é destinada para a pesquisa?

ORSINI  
É difícil destacar, pois o orçamento da Universidade é feito por instituto e não por departamento. O forte das verbas vem de fora (são externas).

(7) POLI CAMPUS  
O que está desenvolvendo o LSD-Laboratório de Sistemas Digitais e o Laboratório de Micro Eletrônica?

ORSINI  
O LSD está desenvolvendo um sistema de Computação Educacional, além de manter o Serviço de Computação da Politécnica. O Laboratório de Micro Eletrônica está desenvolvendo do circuitos integrados, e se comprometeu a dar apoio tecnológico a essa indústria que está sendo aí implantada.

(8) POLI CAMPUS  
Neles trabalham quantos professores e alunos?

ORSINI  
As equipes variam de 20 a 40 pessoas em cada um desses dois laboratórios. A participação estrangeira é pequena. Apenas dois ou três bolsistas. Alunos da escola devem ter 20 ou 30 monitores em regime de estágio, além de voluntários.

(9) POLI CAMPUS  
É importante a participação do representante dos alunos no Departamento?

ORSINI  
É inócua. O Conselho do D.E.E. conta com um aluno, o que acho demais, já. Pode ser prejudicial, porque eles não têm condições de esclarecer, não possuem o background necessário para tomar a maioria das decisões. Mas, à opinião deles o Depto. é bastante aberto; para as decisões sou a favor da hierarquia.



Tomar decisões sem currículo não adianta. Eles (os alunos) têm às vezes umas idéias, mas um tanto visionárias. Nesse ponto sou arquireacionário.

#### (10) POLI CAMPUS

Qual o nº de pós-graduandos no D.E.E.?

ORSINI

Cerca de 200. Alguns participam com período integral, outros trabalham na indústria e só assistem aulas teóricas. Estes servem para fazer o acoplamento universidade-indústria. Houve teses aqui que foram imediatamente incorporadas à tecnologia nacional. Essa integração é muito velha, o que descobriram agora e que se pode fazer promoção em torno do nome "Integração Universidade Indústria". Órgãos como o I.P.T., Instituto de Eletrotécnica, há muitos anos faziam isso.

#### (11) POLI CAMPUS

O Sr. acha que o Brasil deve importar tecnologia ou constituir sua própria, considerando que: em 65/69 foram gastos 300 milhões de dólares; em 72, 900 milhões de dólares. Considerando a técnica importada e a comprada com os bens adquiridos no exterior.

ORSINI

É necessário ver o quanto essa importação tecnológica rende ao país. O que não acho válido é apenas por nacionalismo trabalhar em coisas já esgotadas. Ao se fazer uma operação tecnológica qual qualquer, há dois caminhos: um é montar um Instituto de Pesquisa, cheio de burocratas, e desenvolver essa tecnologia. O outro é comprar a tecnologia existente para essa operação, aprender dominá-la e aperfeiçoá-la.

#### (12) POLI CAMPUS

Qual sua opinião sobre a implantação de um sistema de Telecomunicações através de um satélite doméstico?

ORSINI

As opiniões dos jornais são mais opiniões apaixonadas, do que informadas. O sistema satélite é muito avançado e eficiente;

a prioridade deste em relação aos sistemas convencionais é discutível. Os dois sistemas são complementares. Um não exclui o outro. Seria errado afirmar que não faremos mais nenhuma ligação terrestre; só por satélite. É mais fácil interligar o país por comunicação terrestre do que resolver o problema de telefone de uma cidade como São Paulo. Há muitos países usando satélites atualmente e é de menor importância que o país A ou B lance o foguete.

Se existe uma tecnologia disponível no mundo e a gente pode fazer um bom negócio comprando a tecnologia, então vamos comprar; não vamos ficar 10 anos esperando que os sábios façam o satélite. O problema econômico é ver se é um bom negócio; os aspectos da segurança, nacionalismo, etc., têm que ser considerados dentro desse esquema.

Você quer saber se é bom deixar o país ser explorado? Mas isso não implica em comprar ou não tecnologia. A implicação é que está errada aí. Não é porque o país compra tecnologia que ele é explorado.

Para desenvolver a tecnologia de um satélite - é muito dispendioso.

VISANDO OBTER MAIORES INFORMAÇÕES SOBRE PROBLEMAS QUE DIZEM RESPEITO A UM NÚMERO MAIOR DE ALUNOS DA USP FOI FEITA ESTA OUTRA ENTREVISTA COM O COORDENADOR DO COSEAS PROF. DR. IRINEU STRENGER:

#### 1) POLI CAMPUS

O COSEAS como órgão da Universidade se destina a cumprir que papel?

DR. IRINEU

Os objetivos do COSEAS são a prestação da assistência social, assistência à saúde, assistência psicológica a todos os universitários, ao corpo docente e até ao corpo administrativo. Além disso toda a prática esportiva está afeta ao COSEAS que dá grande importância ao esporte com

petitivo, selecionando estudantes para competições de nível nacional. O COSEAS abranje ainda toda a assistência alimentar, funcionando com um restaurante central (CRUSP), que possui administração direta do COSEAS e mais 13 restaurantes que funcionam sob a supervisão do COSEAS.

#### 2) POLI CAMPUS

Quais as dificuldades encontradas para cumprir tudo isso?

DR. IRINEU

A principal dificuldade é a exiguidade das verbas que são insuficientes e geralmente temos que fazer grandes sacrifícios para atender as reais necessidades do COSEAS. Além disso, outras dificuldades secundárias, como a falta de pessoa especializada que é difícil de encontrar nas áreas de saúde, de assistência social e esportiva, dificuldades que poderiam diminuir se houvesse verba suficiente. Acredito que estas dificuldades possam ser superadas facilmente mediante soluções que não são impossíveis.

#### 3) POLI CAMPUS

Dentro deste papel de assistente social o COSEAS tem oferecido bolsas de alimentação, qual é o número de alunos que têm pedido e qual o número que têm sido satisfeito?

DR. IRINEU

Os pedidos são muitos aqui no Campus de São Paulo e também nós atendemos neste sentido os Campi do interior compreendendo São Carlos, Ribeirão Preto, Piracicaba e Bauru. Aqui em S. Paulo a média de bolsas que nós damos segundo as solicitações e a triagem que é feita pelo Serviço Social varia de 400 a 500 bolsas integrais. No interior, também temos aceitado pedidos e atualmente adotamos o sistema de pagar as refeições aos restaurantes do interior.



## 4) POLI CAMPUS

Qual o número de pedidos recusados?

DR. IRINEU

Percentualmente o desatendimento não atinge 20%.

## 5) POLI CAMPUS

Vimos o primeiro aspecto desta assistência social que é a alimentação, um outro aspecto seria também a moradia. Segundo o "Jornal do Bairro" o COSEAS estaria propondo às famílias de Pinheiros que dêem alojamento aos estudantes que têm problema de moradia. Como o Sr. comentaria este projeto?

DR. IRINEU

É uma solução precária pois os estudantes que vão morar em casa alheia nunca estarão em condições sociais e afetivas tão boas como estariam em convivência com seus colegas na Universidade. O aconselhável seria mesmo que a Universidade construísse prédios dentro da comunidade e não no Campus, pois a moradia no Campus, apresenta um problema muito sério que é a marginalização do estudante em relação à comunidade. Também, com isso, os estudantes frequentariam cinemas e teatros e não seria preciso ter a preocupação dos centros de vivência que não deixam de ser uma marginalização do estudante. Se no momento nós não podemos alojar estudantes no CRUSP, por razões de várias ordens, que não nos cabe examinar, o que não pode acontecer é que a Universidade de fique alheia a esta questão.

## 6) POLI CAMPUS

Então a gente pode considerar que por parte do COSEAS a possibilidade de reabertura do CRUSP está afastada definitivamente?

DR. IRINEU

Há perfeitamente a possibilidade de uma reconsideração de toda a situação, e novamente ofere-

cer aos estudantes a oportunidade de viver no CRUSP conforme projeto inicial da Universidade. Fisicamente o CRUSP não teve a sua finalidade atendida, embora se tenha transferido para cá os cursos de letras com a construção das famosas colméias, mas que foram projetadas de tal forma que se no futuro se decidesse entregar o CRUSP novamente ao estudante, elas poderiam funcionar como centro de vivência, anfiteatros, salas de recreação, bibliotecas, etc. Pessoalmente alimento a esperança de que algum dia o CRUSP poder ter a utilização de acordo com o projeto inicial.

## 7) POLI CAMPUS

Segundo o "Jornal do Bairro" o serviço médico a partir de novembro de 72 passou a cobrar alguns exames de laboratório e de radiologia, cujos preços variam de 40 a 300 cruzeiros e isto no jornal está justificado como sendo a falta de verbas. Seria ao ver do Sr. esta a melhor justificativa ou seria uma mudança de mentalidade?

DR. IRINEU

O que ocorre relativamente a pagamento é só com os funcionários porque infelizmente, nós não temos uma infraestrutura aqui no COSEAS que permita um atendimento em massa e como muitos funcionários que têm direito a servir-se do HPS procura o COSEAS para, então uma das formas para diminuir esta procura foi instituir esta taxa e isto contribui para facilitar o atendimento dos estudantes. Além disso, realmente, alguns estudantes tiveram durante um certo tempo que pagar uma despesa que porcentualmente correspondia a mais ou menos 20 a 30% do valor dos exames, quando se tratava de radiologia, mas este pagamento não era compulsório e quem não tinha condições financeiras, nós dispensávamos imediatamente do

pagamento. Afora isso não existe nenhum plano no sentido de estabelecer como rotina o pagamento de qualquer serviço médico ou de assistência social do COSEAS.

## 8) POLI CAMPUS

Sempre tem sido levantado o problema de falta de verbas. Gostaríamos de ter a evolução das verbas desde 1971. Quanto tem sido destinado ao COSEAS?

DR. IRINEU

Em 1971 tivemos um orçamento de Cr\$ ..... 2.724.999,00; em 72, Cr\$ 3.550.080,00 e em 73, Cr\$ 3.866.033,00. O atendimento do serviço médico em 1972 foi de 59.805 estudantes, com um custo médio anual de Cr\$ 24,18 por cada estudante e mais o custo per capita de seguro de saúde que é de Cr\$ 4,46. Tivemos um aumento de atendimento de 1969 a 73 que passou apenas na área médica de 171 por mês para 350 por dia. Somente estes dados verificam que o aumento do orçamento de 71 a 73 de modo algum pode corresponder às nossas necessidades.

## 9) POLI CAMPUS

O lucro da venda de refrigerantes no restaurante é revertido ao COSEAS?

DR. IRINEU

É. Como nós somos altamente deficitários, no que tange ao preço das refeições, então a idéia de vender refrigerantes possibilita a diminuição do déficit que nós temos no restaurante central. O que ocorre é que raramente o estudante deixa de comprar um refrigerante, e isto felizmente facilita sob o ponto de vista da arrecadação o atendimento do restaurante, porque o preço por refeição é de 3,271 (dezembro de 1972) e o déficit gira em torno de Cr\$ 1,30 a Cr\$ 1,50 por refeição e é um déficit que procuramos diminuir mediante a adoção de novas técnicas de planejamento.



## 10) POLI CAMPUS

Não seria papel do COSEAS, como assistência social, a educação alimentar do universitário, oferecendo leite ou sucos de frutas ao invés de refrigerantes totalmente artificiais?

DR. IRINEU

Já fizemos um levantamento a respeito dos hábitos alimentares do jovem universitário paulista e de uma certa forma do brasileiro verificamos que o brasileiro tem vícios terríveis de alimentação, porque ele não se preocupa com as propriedades dos alimentos, mas quer simplesmente ter a satisfação de ter certos alimentos diariamente. Por exemplo, se eu tentasse substituir em matéria de propriedades e proteínas a carne pela soja ou fornecer um copo de leite, encontraria a maior dificuldade possível, pois já fizemos uma tentativa neste sentido, oferecendo um copo de leite, e as reclamações foram quase todas.

## 11) POLI CAMPUS

Mas o COSEAS, introduzindo o guaraná, está introduzindo um vício alimentar. A gente tem uma experiência, no Rio Grande do Sul, na época em que o refrigerante custava Cr\$ 0,50 eles vendiam a Cr\$ 0,30 um copo grande de suco de laranja quase puro. Seria possível ou viável um processo como este?

DR. IRINEU

Seria possível e viável, aliás já tentamos isto com o leite, mas o resultado não foi bom. Quanto a fornecer sucos de frutas, nós já adotamos esse sistema e aconteceu que a maioria dos usuários recusam sucos por razões desconhecidas.

## 12) POLI CAMPUS

Houve diversar reações a um questionário que foi distribuído pelo COSEAS em 1971, a isso se deve a exclusão das perguntas de caráter econômico nos anos seguintes?

DR. IRINEU

Houve realmente uma reação por incompreensão à respeito do que significava para nós aquele questionário. O COSEAS nunca teve, nunca terá e forma nenhuma nunca pensou em buscar meios artificiosos para iludindo o estudante pesquisar a sua situação econômica a fim de estabelecer valores que serviriam às futuras taxas do ensino pago, isto absolutamente não está na cogitação da COSEAS, não é da sua competência e eu nem me prestaria a esse papel por vários motivos; em primeiro lugar eu não sou a favor do ensino pago e em segundo lugar, porque se fosse a favor do ensino pago, não transgrediria princípios de competência e me propunha a ser instrumento de quem quer que seja.

## 13) POLI CAMPUS

Se justifica também o aumento do CRUSP como necessário à complementação das verbas do COSEAS

DR. IRINEU

Não, nós não utilizamos a verba do restaurante para outros fins a não ser aqueles diretamente ligados à atividade do restaurante e de modo que nós não pensamos em estabelecer aumentos das refeições a não ser dentro de uma certa medida normal para equilibrar o deficit.



## 14) POLI CAMPUS

Como se justifica um aumento de 25% contrariando mesmo determinações federais no sentido de tentar conter a inflação a 12%?

DR. IRINEU

Se nós tivéssemos que seguir as normas federais, eu teria que procurar a SUNAB e dizer quanto é que vale uma refeição comercial e se a SUNAB viesse aqui tabelar os nossos preços, viria a estabelecer que a refeição comercial devia ser vendida a Cr\$ 3,50. Isto foi uma verificação que nós fizemos.

## 15) POLI CAMPUS

O que o Sr. acha da idéia de eleger um representante permanente junto ao COSEAS?

DR. IRINEU

Acho ótimo. É minha idéia isso, e já cheguei a tomar esta providência mas não obtive resultado. Foi quando aconteciam problemas com o restaurante da Química e pedi aos alunos que me enviassem um representante para compor nossa Comissão de Fiscalização de Restaurante.

Quanto à presença de um aluno, isto para mim já não é novidade, porque quando o restaurante de

São Carlos estava sob nossa administração a fiscalização do Restaurante era feita inclusive por um representante do corpo discente.

## 16) POLI CAMPUS

Então o Sr. concordaria com a idéia de se eleger com os representantes do C.U. um representante para o COSEAS?

DR. IRINEU

Perfeitamente, bastaria que os estudantes enviassem um nome dizendo que este era o representante para a comissão de fiscalização dos restaurantes. Quanto a forma poderíamos oficializar junto ao reitor, que junto com a eleição dos representantes para o Conselho Universitário fosse eleito um representante para esta comissão.

## 17) POLI CAMPUS

O COSEAS também se propõe a realizar um trabalho de recreação e cultura na USP?

DR. IRINEU

Isto é um plano que já está praticamente em fase de entrar em atividade porque a execução já está feita. O Centro de Vivência será entregue em 3 meses. É a nossa intenção aproveitar a praça de esportes para transformar a vida na praça uma espécie de clube estudantil, com todas as recreações possíveis e imagináveis.

## 18) POLI CAMPUS

No projeto do Centro de Vivência estaria previsto a construção de um anfiteatro?

DR. IRINEU

Sim, claro, já está sendo planejado pelo reitor um anfiteatro ao ar livre. Também serão construídos um ginásio coberto para 5 mil pessoas e está em início de obras um estádio de futebol para 32 mil pessoas e também 2 piscinas olímpicas.

## 19) POLI CAMPUS

Qual a contribuição da Universidade para o Ginásio e para o estádio?

DR. IRINEU

Exatamente, eu não sei, mas há uma cooperação da prefeitura e ainda uma verba federal.

## 20) POLI CAMPUS

Estaria previsto no projeto do Centro de Vivência a sede do DCE?

DR. IRINEU

Não está previsto, mas nós podemos prever.

## 21) POLI CAMPUS

Qual seria a função da CODAC, que foi recentemente criada?

DR. IRINEU

Nós não temos nada que ver com ela. Cabe a CODAC coordenar toda a parte de atividades culturais; convidar a conferencistas, organizar congressos e promoções culturais dentro da Universidade.

## 22) POLI CAMPUS

Dentro da CODAC os estudantes terão alguma participação?

DR. IRINEU

Acredito que ela possa ser estruturada de modo a que o estudante participe dela.

## 23) POLI CAMPUS

Como é que o Sr. vê a participação dos estudantes hoje na vida universitária?

DR. IRINEU

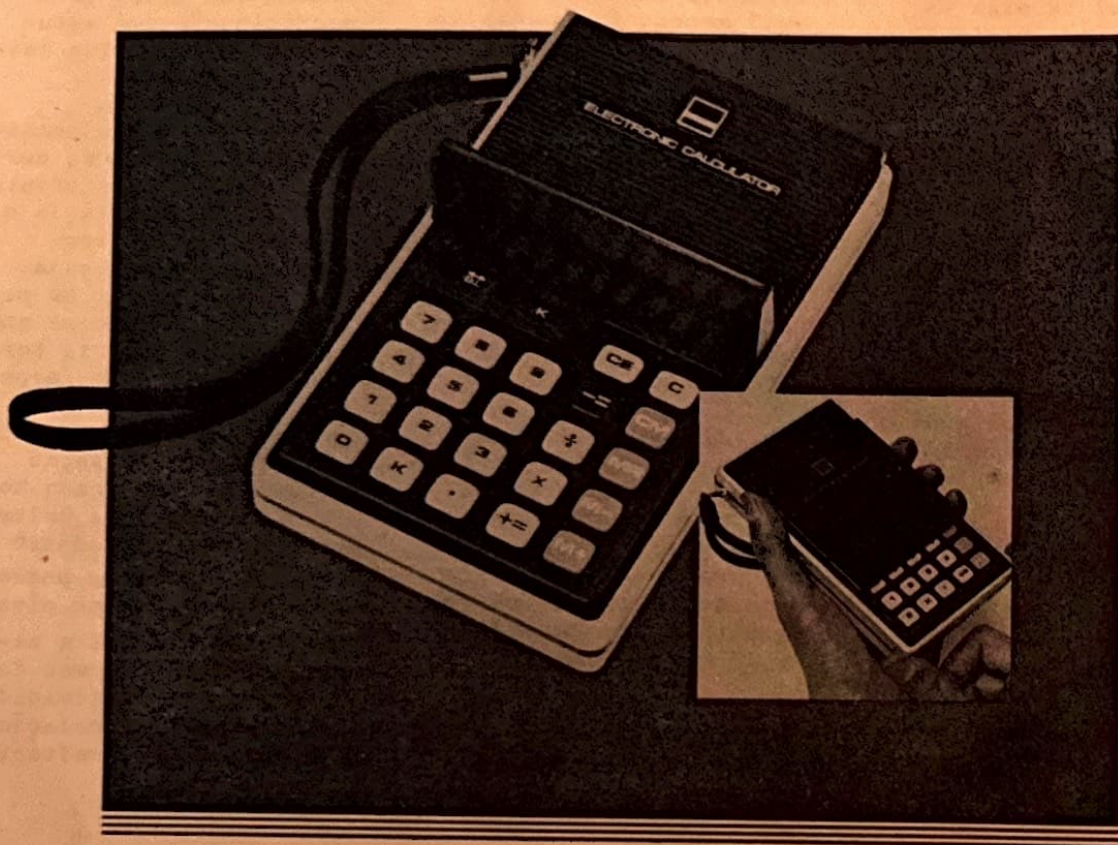
Vejo com um certo pessimismo. Sente-se uma certa omissão do estudante na vida universitária e obviamente isto terá suas razões, as quais não cabe examinar em profundidade. Parece-me que o estudante poderia ter realmente uma participação mais ativa na vida universitária. O que não há é uma participação mais ativa unificada ao nível da política universitária. Eu até admito que os estudantes possam estar separados no nível da política geral e nacional, mas isso não deve perturbar a atividade do estudante em relação a política universitária.





DEPOIS NÃO VÁ DIZER QUE NÃO DEU TEMPO DE TERMINAR A PROVA.  
VOCÊ PODE TER DUAS MEMÓRIAS EM VEZ DE UMA. A SHARP LHE DÁ  
A SEGUNDA. E MAIS, FINANCIADA EM ATÉ 24 MESES.

## CALCULADORAS ELETRÔNICAS SHARP COMPET



### A COMPANHEIRA DE TODAS AS HORAS

Pegue-a na mão. Ou ponha-a no bolso. Vá para toda parte com a EL-814. Uma economizadora de tempo e dinheiro, que efetua instantaneamente cálculos até 8 dígitos, com uma memória e fator constante. A diferença está na LSI Sharp. E que diferença! Eliminaram-se milhares de peças e melhoraram-se o

rendimento e a estabilidade. — Mostrador avançado LED (Diodo Emissor de Luz). Funciona com pilhas comuns. Saldo negativo automático. E muitas outras vantagens adicionais bem pensadas.

O tipo de companhia com que você pode contar em qualquer lugar!

**SHARP**

PARA MAIORES INFORMAÇÕES E DEMONSTRAÇÃO DIRIJA-SE AO GRÊMIO  
POLITÉCNICO, NAS LOJINHAS DO D.L.P. DO BIÊNIO E DA MECÂNICA  
E VEJA O QUE ESSA TAL DE 814 PODE FAZER POR VOCÊ.

PARA INFORMAÇÕES SOBRE PROMOÇÕES DE VENDA EM FACULDADES  
E EMPRESAS DIRIJIR-SE A RUA MARTINHO PRADO, 127 - SOBRE  
LOJA, FONE: 256-9682, FALAR COM SR. SALIBA.



## UM HOMEM SÓ

Um homem à pé  
Sem pé nem cabeça  
corre, voa, anda e pára.  
e para que, por que, até onde.  
muito longe numa corrida, mais outra partida.  
mais outra corrida.

No fim de uma subida caiu  
Dormiu, acordou, pensou e não viu.  
viu apenas que as pernas se cansaram.  
e o chão ficou parado.  
E ele ali parado como se tudo parasse.  
Parado no caminho de um caminhar.  
Cheio de gente parada dentro dele.  
Todos viram aquela coisa parada.  
E não pararam de pará-lo ainda mais.  
Só as bocas não pararam.  
Cuspiram, gritaram mas não pararam.

Um homem sentado.  
Um homem parado.  
Tanta gente parada e ele andou.  
Andando, andando vendo que estava sempre começando.  
As vezes sua cabeça parado seu corpo andava.  
Muitas vezes seu corpo cansado sua cabeça pensava.  
Seu corpo andando a cabeça correndo.  
Na frente uma explosão de caminhos  
Descidas, subidas, curvas, mais descidas, descidas...  
Alguém sabe o que são descidas, para onde vão?  
Que é mais fácil descer ou subir?  
Mas descer de onde ou para onde?  
Subir, subir como?

Um homem só  
Quantos homens egoistas!  
o que faz um homem só?  
quantos homens só e pensam juntos!...  
juntos no espaço, só pra si.  
eu, meu, eu e mais eu.  
um homem só tentou.  
e os caminhos explodiram  
da fumaça descobriu.  
velhos nós e muitos novos eus  
um homem só explodiu...

MAX

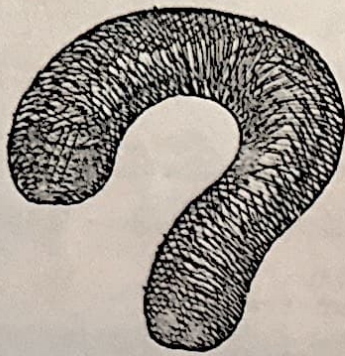


## ACABOU A VIDA

Acabou a vida  
De um homem que viveu  
Foi um homem  
Que não se submeteu  
Ele lutou ele morreu  
Ninguém sabe se mataram  
Ou se foi morte de Deus  
Pois a sua morte  
Por azar ou sorte  
Ninguém pôde ver  
Para me dizer  
Se mataram  
Ou se morreu.

Buqui





MARCO

**RICARDO BANDEIRA: QUE FAZER DA MINHA JUVENTUDE?**  
(Uma interpretação)

Ser ou não ser? Viver ou morrer? Morrer nunca. Que fazer da juventude? Que fazer da vida?

Ainda tem gente que tem dúvidas a respeito da existência, procurando uma razão para a vida.

Mas o problema não é esse. Tá certo, a vida existe. Mas, o que fazer, dentro da existência?

Ser doutor? Ser artista?  
Ser operário? Ser bicha?

Os doutores são quase todos comprados pelo sistema. São dentes da engrenagem.

De que adianta ficar criando, se o povo é analfabeto? O MEC responde que não. Diz, olha o Mobral.

Mesmo os orientadores do Mobral se perguntam: cadê o Mobral? Tudo não passa de propaganda. De que adianta ficar criando, se a Censura corta tudo?

A essência do capitalismo é a exploração do trabalhador. O operário trabalha 8 horas por dia, ganha 3 horas como salário e o capitalista ganha as outras 5 de graça, sem trabalhar. Por isso, que a propaganda diz: o bom do capitalismo é ser capitalista. Operário? Isso é que não. Isso é para o filho dos outros, não para o meu. O meu filho terá um trabalho digno. Como se não fosse o operário quem cria, objetivamente, todas as riquezas do país, com seu trabalho.

Não, ser operário não dá. Só se trabalha para o patrão. A vida é miserável.

Não há perspectivas.

Ser bicha? Não, só leva ferro.

Sendo assim, que fazer da juventude, face aos problemas que existem no mundo?

As guerras, como a do Vietnã; a exploração de um país sobre outro, como no canal do Panamá, os EUA explora; a falta de liberdade para o homem?

Só tem 2 caminhos: um é se alienar, se acomodar, praticamente morrer.

E o outro é participar. Influir nos problemas do mundo atual. Vivê-los para conhecê-los. Conhecê-los e partir para sua solução.

Que fazer da juventude? Principalmente, ser homem. Sem se acovardar perante a vida.

OSWALDO



Ele acordou e só viu tres. Deveria ficar cons ternado e temeroso, pois desde que se descobriu ali, percebeu o número que eram. Não obstante o seu delicado estágio só lhe permitia irresignação: "Mas éramos em quatro?!"

Sim, quando o colocaram ali realmente eram em quatro e ao mesmo tempo quatrocentos - pois a potencialidade e aproximação que irradiavam dos olhos de cada um, multiplicava-os de vida.

Mas isso foi no começo, como também desde o início foram as obrigações serviciais. Que pareciam um tanto onerosas, porém muito menos do que "ELES" diziam que eram.

"Mas éramos em quatro?!" repetia inconformado. Quando a mesma maneira quando a princípio sentia necessidade de um diálogo - que de forma alguma lhe era proibido - porém "ELES" faziam-no ver que isso se consistia num desperdício, que era até prescindível. Afinal, os problemas ele mesmo poderia resolvê-los; além de um fato a se considerar: quase nada dava tempo.

"Mas éramos em quatro?!" voltava-lhe a pergunta. Outra coisa que naquele tempo não entendia: lesse ele algum escrito, ou visse uma dada programação ou visse certo programa, quaisquer que fossem os assuntos abordados, junto também se via - tudo vive em ordem, a paz é preciso mantê-la, as coisas caminham maravilhosamente bem. Colocações que ele julgava superfluas, pois poderiam ser sentidas no cotidiano de cada um. E quando ele notava certas contradições, acabava não en-

tendendo muito direito, contudo consolava-se em saber que no geral as coisas cresciam - talvez fosse o preço do progresso.

"Mas éramos em quatro?!" e não se resignava.

Então aquele fogo inicial foi-se diluindo gradativamente e embora convivesse com os outros, ele quase não os via. As obrigações serviciais eram realimentadas constantemente e a necessidade de se assegurar o seu futuro, como "ELES" lhe impingiam, somadas, aumentavam a preocupação para com as suas coisas, encurtando ainda mais o tempo.

"Mas éramos em quatro?!"

E ele não os via. E nem os poderia ver pois já se inculcara de um monte de primeiras pessoas: eu, meu, a mim, comigo.. Só a si interessava, e como a sua vida se mostrava relativamente bem, certamente o resto também o seria. E se algo vivesse dificuldades, é porque não havia sacrifício correspondente. Ademais, foi com o seu esforço que ele havia conseguido e como os outros não o poderiam?

"Mas juro que éramos em quatro?!"

Era a frase que agora delirava do sono interrompido. O mal foi lhe comendo, entorpecente, gradativo. O individualismo a princípio o cegara. Que nem reconhecia os seus companheiros. Agora, entretanto, perdia até a individualidade e só podia ver três.

Cascão

QUANDO

SE

MORRE

VIVO



# NOTAS:

Depois de estar com 15.000 exemplares impressos, no sábado à noite, o jornal Opinião — do Rio de Janeiro — foi apreendido pela Polícia Federal.

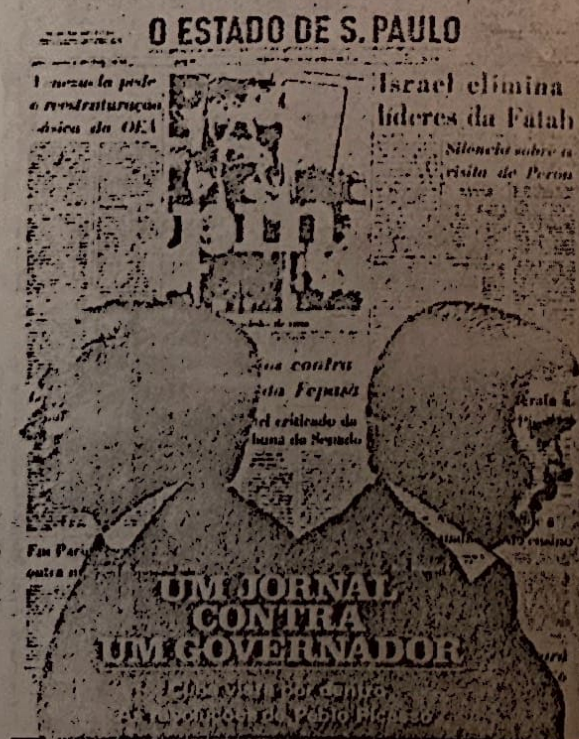
DOCES

Segunda-feira, 16-4-73 JORNAL DA TARDE

SALGADOS

## Opinião não circula hoje. A edição foi apreendida.

Os diretores do jornal Opinião, do Rio de Janeiro, não sabem quando o jornal volta às bancas. A edição que deveria circular hoje foi apreendida pela Polícia Federal.





## Universidade: que é do debate proposto?

OPINIÃO: 9 a 16 de abril de 1973

# Uma opinião surpreendente

O ESTADO DE SÃO PAULO: 6 de abril de 1973

Da Sucursal do RIO

O governador de Santa Catarina, Colombo Sales, manifestou ontem uma surpreendente opinião: "O Brasil já está vivendo dentro de um processo verdadeiramente democrático, no qual o desenvolvimento se alia à correção das distorções sociais em regime de plena liberdade e participação". Fez essa afirmação durante uma conversa informal com jornalistas, no Rio, que lhe indagavam quando e como o País atingiria a normalidade democrática e institucional.

O governador catarinense, que ficou em evidência pelo discurso que pronunciou, no qual identificava nos olhos verdes do ministro Mario Andreazza o seu patriotismo, acha que o modelo político brasileiro está plenamente definido: democracia com desenvolvimento econômico e social e liberdade. A seu ver, o desenvolvimento foi plenamente alcançado no campo econômico, e já se está cuidando de solucionar os problemas sociais, "que foram críticos e geravam conflitos".

### POLÍTICOS ATIVOS

Colombo Sales também acha que a classe política está par-

ticipando ativamente da vida do País e se renovando dentro do estilo que dela exigiu a Revolução. "A velha classe política, nos moldes tradicionais — acrescentou — está desaparecendo e, em seu lugar, estão surgindo novos políticos, mais preocupados com os aspectos técnicos, com uma visão mais realista dos problemas".

Em apoio à sua tese, disse que em Santa Catarina, por exemplo, os prefeitos que se elegeram no último pleito municipal, "tanto pela Arena como pelo MDB", são quase todos jovens e dotados de uma nova visão. São em sua maioria políticos, mas com noções técnicas e "já se adaptaram às novas regras" que a Revolução estabeleceu.

Colombo Sales, entretanto, não nega a derrota sofrida pela Arena em alguns municípios importantes do seu Estado. Atribui a vitória alcançada pelo MDB principalmente a problemas resultantes das antigas legendas partidárias (ex-UDN e ex-PSD), que, a seu ver, dificilmente poderão ser extintas. Mas, ainda assim, considera que o sistema bipartidário que funciona no País é o ideal: "Nas atuais circunstâncias, através dele — observou — os políticos adquirem uma noção maior de responsabilidade partidária".



A transformação das universidades em organismos mais atuantes e mais adequados à realidade brasileira é evidentemente um assunto importante para os estudantes. Daí o interesse de muitos deles pelo debate em torno da Reforma Universitária. Esse debate, entretanto, não tem sido comumente facilitado pelas autoridades e, em várias ocasiões, tem sido desprezado ou mesmo dificultado exatamente pelas pessoas que deveriam cuidar da livre discussão das idéias em torno da Reforma Universitária. Veja-se, por exemplo, o que está acontecendo na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

O Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal de Minas Gerais recebeu no início do mês passado uma carta do reitor Marcelo de Vasconcellos Coelho propondo à entidade a realização de um seminário de debates intitulado *A Reforma Universitária e sua Implantação*. "A proposição — dizia a carta — interessa, naturalmente, ao corpo discente da UFMG, à administração da Universidade, além de ir ao encontro dos anseios do senhor ministro da Educação, que deseja conhecer melhor o pensamento do estudante a respeito das medidas que vêm sendo tomadas por parte do Ministério da Educação".

O DCE decidiu, após prolongada reunião no dia 17 de março, aceitar a realização do seminário de debates mas impôs algumas condições, para garantir a todos os presentes a oportunidade de livre manifestação de opinião. As condições foram levadas ao conhecimento do reitor num documento que terminava ressaltando: "Mesmo que o encontro se realize segundo as condições propostas é evidente que não se constituirá num diálogo verdadeiro devido à situação de exceção vigente no país, bem como seus reflexos na universidade, (decreto-lei 477, Assessorias Especiais de Segurança Interna, irrisória participação dos estudantes nos órgãos colegiados, etc.)".

O reitor Marcelo de Vasconcellos aceitou algumas das condições, rejeitou e ignorou outras, num ofício enviado ao presidente do DCE datado

de 27 de março. Mesmo assim o DCE decidiu participar do seminário e para prepará-lo espalhou cartazes na universidade. Sob o título *Discuta*, um dos cartazes sugeria: "Fale, discuta. PRODUZA. Não adianta somente lamentar — o mínimo que você criar já é uma vitória. Mas não faça isto sozinho: una-se com seus colegas, não disperse esforços — há sempre alguém pensando de modo parecido com você". Um outro dizia: "O ensino é patrimônio da humanidade. Não é propriedade das escolas. Ninguém pode vender conhecimento como uma mercadoria".

Poucas horas depois de afixados, no dia 2 último, os cartazes foram arrancados em algumas unidades da universidade por funcionários da reitoria. No dia seguinte o reitor enviava uma carta ao DCE proibindo os cartazes: "Torna-se evidente que os termos dos mesmos não são condizentes com o espírito da reunião proposta".

Protestando contra a retirada e a proibição dos cartazes, o DCE perguntava, em nova carta enviada ao reitor, no final da semana passada: "Que espírito é esse: discussão séria ou uma paródia? Discussão mais ampla ou restrita à reitoria e diretoria do DCE? Discussão do mais importante ou do mais ameno e conveniente? Para o DCE, "há condições mínimas necessárias a qualquer debate e existe um limite além do qual estaríamos faltando com a honestidade, estaríamos colaborando com a farsa. Em termos gerais essas condições dizem respeito à liberdade de expressão e à possibilidade de preparação e participação dos universitários. Tanto umas quanto as outras foram seriamente atacadas nas ocorrências de 2 e 3 de abril".

Em entrevista ao *Jornal do Brasil*, Marcelo de Vasconcellos explicou ter mandado retirar os cartazes porque "achamos que eles já estavam doutrinando para uma posição negativa. Acho que um debate desses seria muito importante em termos de uma abertura universitária, mas é necessário uma certa cautela".

## Falta ônibus, há crise na Pucamp

O ESTADO DE SÃO PAULO: 15 de abril de 1973

Da Sucursal de CAMPINAS

A precariedade do sistema de transporte dos estudantes ao campus da Pontifícia Universidade Católica de Campinas está acarretando considerável queda na frequência às aulas e um sério desinteresse dos alunos: depois de um mês do início das aulas, cerca de 30 por cento dos dois mil que são obrigados a frequentar aulas na Cidade Universitária não comparecem mais. E depois da Semana Santa, a taxa de ausência pode crescer, porque, segundo um funcionário da Universidade, a passagem de ida e volta ao campus custará dois cruzelos.

Apesar dos protestos dos alu-

nos — cerca de 500 têm se concentrado diariamente à porta do edifício central — não parece haver solução à vista. O Conselho Universitário não permite a entrada dos alunos atrasados e o reitor, Benedito José Barreto Fonseca, diz que a empresa "assumiu um compromisso e não está encontrando meios de cumpri-lo". Ele pede "um pouco mais de paciência aos alunos", porque não há em Campinas nenhuma empresa em condições de fazer o serviço, além da Companhia Municipal de Transportes Coletivos.

Segundo os motoristas, a empresa contratada — "Ensatur Transportes e Turismo" — é a principal culpada: obriga a maioria a trabalhar das cinco às 23 horas, mas não paga horas extras.



## PASSARELA DA GV FICOU FRONTE

Quem passa pela 9 de Julho, já pode notar logo após o túnel, em frente do prédio da Fundação Getúlio Vargas, a existência de uma passarela para pedestres.

Essa passarela foi conseguida devido, principalmente, à reivindicação dos estudantes.

Em novembro do ano passado, logo após o atropelamento de um menor os estudantes da GV sentaram-se na rua, atrapalhando o tráfego. Paralisaram o trânsito durante algum tempo, protestando contra o atropelamento e exigindo a construção de uma passarela para pedestres. Essa não era a primeira manifestação; outras já tinham havido, porém não tinham surtido efeito algum.

JORNAL da TARDE:  
13 de abril  
de 1973

## O DIRETOR NÃO GOSTOU DO JORNAL. E SUSPENDEU OS ESTUDANTES.

A Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco decidiu transformar a dissolução do diretório acadêmico da faculdade em suspensão de seus membros. Até o final da reunião de ontem entre estudantes e membros da Congregação, estava decidido que o diretório deixaria de funcionar.

O diretor da faculdade, professor Arthur Coutinho, adotou essa medida porque os alunos imprimiram, sem sua autorização, um jornal que circulou a faculdade com artigos criticando a atual política do governo.

Os estudantes tentaram imprimir o jornal a própria escola, e para isso pediram autorização ao diretor. Ele viu os artigos e acabou proibindo a circulação e impressão do jornal na faculdade. Os alunos, então resolveram imprimi-lo fora e o distribuíram.

Por isso o diretório foi dissolvido.

Seus principais membros recorreram da medida à congregação, e ela foi alterada. O tempo de suspensão dos alunos ainda será decidido pelo reitor da Universidade, assim que voltar de Brasília.

O diretor da faculdade garante que o incidente já está superado. Ao falar na reunião, disse que estava atuando mais como juiz do que como promotor, pois poderia ter instaurado um inquérito e aplicado o decreto 477 do Ministério da Educação.

Segundo ele, os estudantes já haviam sido advertidos uma vez, quando fizeram um jornal mural na escola. Os membros do diretório, disse ele, voltarão às aulas e às suas funções no órgão quando o reitor decidir.

Agora, informou, só material didático poderá ser impresso na escola.

### NO PARÁ

No Pará, a reitoria da Universidade Federal apreendeu todos os exemplares do primeiro número do jornal "O Galileu", órgão oficial do diretório acadêmico de Ciências Biológicas.

Argumento do reitor Aloysio da Costa Chaves: o jornal não cumpria as exigências da lei número 5.250, de 9 de fevereiro de 1967, que obriga todos os jornais e publicações periódicas a serem inscritos no registro civil das pessoas jurídicas. Caso não sejam inscritos, são considerados clandestinos.

Só o editorial e pequenas notas tinham sido redigidos pelos estudantes. O resto eram cópias de notícias e comentários publicados por revistas e jornais.

Os estudantes estão protestando porque outros jornais que já circularam entre eles, como o que era editado pelo diretório central de estudantes, não tinham esse registro. Circulavam sem problema algum.

A nota divulgada pela reitoria, informa que a medida serve para "disciplinar a existência de publicações estudantis".

## Há excedentes no DF, dizem alunos

Da Sucursal de  
BRASILIA

Os estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília denunciaram ontem, em carta aberta ao ministro da Educação, a existência de "grande número de alunos considerados excedentes em algumas disciplinas fundamentais do curso". A carta foi também entregue à secretária particular do ministro, que admitiu uma resposta de Passarinho para a próxima semana.

No documento, os estudantes apontam como causa do problema o número insuficiente de professores no Departamento de Arquitetura e Urbanismo, "de onde saíram onze desde o início do ano passado e nem todos foram substituídos". Como as possibilidades de uma solução a curto prazo parecem a eles mais distantes, os estudantes só vêem uma saída: maiores facilidades para a contratação de novos professores.

Os excedentes poderão ficar — segundo os estudantes — atrasados pelo menos seis meses em relação a seus colegas. Há mais de 100 excedentes, assim distribuídos: 77, sem matrícula, em "Projeto de Edificações e Urbanismo"; 60, sem matrícula, em "Introdução à Arquitetura e Urbanismo"; 32, em "Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo"; 45, em "Tecnologia das Construções"; há excedentes também em "Materiais de Construção" e "Estabilidade Estrutural".

O ESTADO DE  
SÃO PAULO:  
14 de abril  
de 1973



Os estudantes, de uma maneira geral, não estão incluídos em nenhuma dos estratos sociais e, suas necessidades e contradições são de tal complexidade que sempre mereceram atenção dos estudiosos. Existindo, porém, características iguais que possibilitam atuações conjuntas.

Nos países subdesenvolvidos, inclusive o Brasil, as manifestações estudantis assumem aspectos peculiares, pois têm os estudantes a consciência de que pertencem a uma pequena minoria mais esclarecida, sentindo assim responsabilidades perante a miséria do povo. E nós, universitários, que acreditamos em uma Universidade livre e aberta; que acreditamos em uma universidade que pesquise a realidade social brasileira, com o objetivo de formar quadros com a consciência desta realidade e desenvolver formas para eliminar as contradições sociais, temos uma tarefa a cumprir.

E com este espírito de participarmos do destino da nação que nos organizamos em cada centro acadêmico e em cada entidade estudantil mais ampla.

No segundo semestre do ano passado, cerca de 500 estudantes de Engenharia de vários estados do Brasil se reuniram em Porto Alegre debatendo problemas de ensino e profissão (IISERS) ao mesmo tempo em que intercambiavam informações de cada Centro Acadêmico da necessidade de um contato mais íntimo das escolas, em nível nacional.

Foi aprovada a criação da COSE (Comissão Organizadora de Seminários de Engenharia) que tinha por objetivo divulgar o IISERS e preparar novos seminários.

À medida que a COSE se reunia, consolidando a participação de escolas dos Estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo, Guanabara, Rio de Janeiro, Bahia e Goiás deixava claro a importância da própria COSE e de um primeiro Seminário Nacional de Engenharia, entendendo-se ser o IISNE como parte de um processo de luta dos universitários, e que trataria de suas atividades concretas e estudos para melhor compreender as contradições dos estudantes.

Em fevereiro de 1973 - na última reunião da COSE foi estipulado para outubro próximo o IISNE, local a ser determinado e com a participação de mais escolas, sendo a "REFORMA UNIVERSITÁRIA DAS ESCOLAS DE ENGENHARIA e A SITUAÇÃO DA ENGENHARIA BRASILEIRA" - seu tema central.

O Grêmio Politécnico, como participante da COSE, sentindo a necessidade de traçar as perspectivas da Engenharia Brasileira e de compreender a Reforma Universitária para o encaminhamento dos seus problemas de ensino começou a se preparar para o Seminário Nacional, centralizando relatórios dos representantes dos Órgãos Colegiados e promovendo conferências sobre o tema. Entretanto este é apenas um estágio de preparação que deverá contar com ampla participação interna.

# EQUIPE

KIKO OSVALDO

CARLOS LUIZ MAURO

HILTON ARLEI ANACLETO

GIBA ELIO FÊFÊ CASCÃO

PAULO CESAR LAPA

NIDA

POLI-CAMPUS - ÓRGÃO OFICIAL  
DE DIVULGAÇÃO DO GRÊMIO  
POLITÉCNICO  
TIRAGEM: 3800 EXEMPLARES  
RUA AFONSO PENA, 272  
FONE: 227-0607  
Nº 2 - ABRIL DE 1973  
IMPRESSO NO DLP

**IISNE**